

# ANÁLISE COMENTADA DO MANUSCRITO “GUIA DE CONVERSACÃO PORTUGUESA PARA USO DOS LIBOLOS”, DO PADRE RENATO ROBERT

Carlos Filipe Guimarães FIGUEIREDO<sup>1</sup>

Margarida Maria Taddoni PETTER<sup>2</sup>

Vanessa Martins do MONTE<sup>3</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v18i3.3181>

**Resumo:** Este trabalho apresenta a conjugação de esforços levados a cabo em história, filologia e linguística de contato, por pesquisadores do *Projeto Libolo*, com vista à edição semidiplomática parcial e à análise comentada do manuscrito *Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos pelos missionários da Missão Católica de Calulo*, da autoria do padre espiritano Renato Robert (1872-1925). Datado de 1923 e descoberto em 2015, este documento é uma tentativa de registro escrito da gramática da variedade de quimbundo falada na região do Libolo, Angola, cuja colonização se iniciou em finais do século XIX. O manuscrito, enriquecido também com uma listagem de vocabulário do quimbundo libolo (ou quimbundo bolo), importa aos estudos da linguística de contato porque: (i) permite observar se já há incorporação de léxico português no quimbundo libolo, logo a partir do início da sua colonização; (ii) permite cotejar estruturas gramaticais do quimbundo libolo atual, atestadas em dados de fala desta língua recolhidos recentemente pelos pesquisadores do *Projeto Libolo*, com idênticas estruturas de inícios do século XX patentes no documento, concluindo-se acerca do impacto que o português terá tido, ou não, na evolução diacrônico-estrutural da língua autóctone do Libolo.

**Palavras-chave:** Linguística de contato. Contato português/quimbundo. Quimbundo libolo. Documentação missionária de Angola. Ocupação colonial de Angola.

---

1 Universidade de Macau (UM), Macau, China; [carlosgf@um.edu.mo](mailto:carlosgf@um.edu.mo);  
<https://orcid.org/0000-0003-2416-0060>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [mmtpetter@usp.br](mailto:mmtpetter@usp.br);  
<http://orcid.org/0000-0003-1981-7371>

3 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [vmonte@usp.br](mailto:vmonte@usp.br);  
<http://orcid.org/0000-0002-4929-5298>

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

## *ANNOTATED ANALYSIS OF THE MANUSCRIPT “GUIA DE CONVERSAÇÃO PORTUGUESA” PARA USO DOS LIBOLOS, BY FATHER RENATO ROBERT*

**Abstract:** This paper presents the combined efforts in History, Philology and Contact Linguistics carried out by researchers from the *Libolo Project*, aiming the partial semi-diplomatic edition and commented analysis of the manuscript *Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos pelos missionários da Missão Católica de Calulo*, by father Renato Robert (1872-1925). Dating back to 1923 and discovered in 2015, this document is an attempt to study and record the grammar of the Libolo Kimbundu (or Bolo Kimbundu) variety spoken in the region of Libolo, Angola, whose colonization by the Portuguese settlers began at the end of the 19th century. The manuscript is also enriched with a Libolo Kimbundu vocabulary list, and it is important for the study of Contact Linguistics because: (i) it allows to confirm whether the Portuguese lexicon has already been incorporated or not into the Libolo Kimbundu right from the beginning of the colonization of Libolo region; (ii) it allows comparing grammatical structures of the contemporaneous Libolo Kimbundu, attested in speech data recently collected by the researchers of the *Libolo Project*, with identical structures from the beginning of the 20<sup>th</sup> century annotated in this document, to provide an overview about the impact of the Portuguese on the diachronic-structural evolution of the Libolo Kimbundu.

**Keywords:** Contact linguistics. Portuguese/Kimbundu contact. Libolo Kimbundu. Missionary documentation from Angola. Portuguese colonial settlement in Angola.

### Introdução

Neste trabalho<sup>4</sup>, conjugamos esforços em história, filologia e linguística de contato, no âmbito das pesquisas do *Projeto Libolo*<sup>5</sup>, visando quer à edição semidiplomática parcial quer à análise comentada da cópia do manuscrito *Guia de conversação portuguesa para uso*

---

4 Este trabalho resulta dos desenvolvimentos efetuados a partir de uma apresentação dos autores (FIGUEIREDO; PETTER; MONTE, 2016). O autor Carlos Figueiredo agradece à Universidade de Macau pelo apoio financeiro que lhe permitiu efetuar a apresentação. A autora Vanessa Martins do Monte agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo custeio da sua viagem.

5 O *Projeto Libolo* é coordenado pelo autor Carlos Figueiredo e por Márcia Santos Duarte de Oliveira (Universidade de São Paulo). Parcialmente financiado pela Universidade de Macau e por entidades privadas filantrópicas de Angola, o projeto incide as suas pesquisas na Província do Cuanza-Sul, Angola, sobretudo nas áreas de linguística, história, antropologia, etnografia e filologia, mas promovendo também ações pedagógicas e de cariz humanitário nesta região. O *Projeto Libolo* é ainda membro da *Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo*, estando patenteado pelo Centro de Investigação e Desenvolvimento (R&DAO) da Universidade de Macau, sob o número de referência SRG011-FSH13-CGF. Desta forma, o *Projeto Libolo* encontra-se ao abrigo da proteção de direitos autorais de propriedade intelectual designada por “Copyright © 2016, R&DAO University of Macau”.

*dos libolos pelos missionários da Missão Católica de Calulo*, de autoria do padre espiritano Renato Robert<sup>6</sup>. O documento original, datado de 1923, foi elaborado pelo autor durante o seu período de missão no Município do Libolo, Angola.

O documento, uma cópia reprográfica do original – cuja localização se desconhece –, foi fotocopiado e digitalizado pelo autor Carlos Figueiredo, em 2015, no Centro de Documentação da Província Portuguesa da Congregação Espírito Santo, Lisboa, onde se encontra depositado desde 1975. Neste ano, em sequência da Guerra Civil que se instalou em Angola, os espiritanos abandonaram o Libolo, tendo levado vários documentos para o seu Centro de Documentação de Lisboa, entre os quais o *Guia de conversação*, um registro escrito da gramática da variedade de quimbundo<sup>7</sup> do Libolo.

Em primeiro lugar, e numa perspectiva sócio-histórica, faremos a apresentação do Libolo, com breves apontamentos sobre a forma como decorreu a sua ocupação tanto pelos povos abundos, a partir do século XVI, como pelos europeus, a partir de finais do século XIX. Durante este processo de ocupação, os missionários franceses da Congregação Espírito Santo chegaram ao Libolo. Assim, teceremos também alguns comentários acerca desta congregação e suas atividades no Libolo. Trataremos igualmente de estudos etnolinguísticos sobre o povo libolo efetuados pelos espiritanos, com destaque quer para as atividades do padre Robert – do qual forneceremos também alguns apontamentos biográficos –, quer para o seu *Guia de conversação*.

Na sequência, relatamos as atividades da equipe de filologia do *Projeto Libolo*, envolvendo alunos de iniciação científica da Universidade de São Paulo, Brasil, para se proceder à leitura, transcrição e edição semidiplomática do *Guia de conversação*, visando à sua publicação sob a forma de monografia anotada, analisada e comentada.

Por fim, e numa perspectiva linguística, apresentamos as características sociolinguísticas dos falantes do Município do Libolo, com enfoque nas duas línguas usadas na região: a variedade do quimbundo libolo e a subvariedade do português do Libolo. Neste ponto, observamos também como o *Guia de conversação* dá contributo para os estudos em linguística de contato a que nos propomos no presente trabalho.

---

6 Renato é o nome português adotado pelo padre bretão René Jean Francis Marie Robert, nascido a 26 de agosto de 1872, em Lamballe, França. Licenciado em filosofia, o padre Robert ingressou na Congregação Espírito Santo e do Santo Coração de Maria em 22 de setembro de 1892. Antes de seguir para Angola, estagiou em Portugal, nas casas da Congregação de Braga (1893-1896) e de Formiga (1897-1901). O padre recebeu os votos perpétuos em 30 de novembro de 1901, quando ele já se encontrava destacado no Libolo, onde havia chegado, pela primeira vez, a 04 de fevereiro desse mesmo ano (CONGRÉGATION DU SAINT-ESPRIT ET DU SAINT COEUR DE MARIE, 1898, p. s.n.; 1901, p. s.n.).

7 Em português, para designação dos grupos linguísticos, famílias e línguas africanas, foi seguida a proposta ortográfica avançada por Fiorin e Petter (2008).

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

Encerramos o trabalho com conclusões que permitem atestar a relevância do *Guia de conversação* não só para o estudo tipológico e funcionamento gramatical diacrônico do quimbundo libolo, mas também para ajudar a perceber tanto a maneira como esta língua foi afetada pelo contato com o português quanto o modo como participou na formação do português falado no Libolo e em Angola, em particular, e no Brasil, de uma forma geral, via transplante de escravizados do Libolo e de Angola para as Américas.

## **O Libolo: ocupação e primeiros estudos etnolinguísticos sobre a região**

Após os primeiros contatos estabelecidos entre Diogo Cão e os soberanos bacongos do Reino do Congo, norte de Angola, a partir de 1482, os portugueses instalaram-se nas áreas costeiras do atual país, passando a controlar o comércio transatlântico de escravizados (CALDEIRA, 2013). Em virtude de tal, e sendo a penetração de europeus praticamente nula no interior angolano, originou-se uma situação de diglossia linguística na colônia: por um lado, uma elite minoritária afro-portuguesa instalada no litoral e restringindo o uso do português aos centros urbanos costeiros; por outro lado, uma comunidade nativa majoritária, monolíngue nas suas línguas autóctones e habitando as zonas rurais e inexploradas do interior angolano (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013). Quanto aos contatos entre agentes europeus e africanos envolvidos no tráfico de escravizados, reduziram-se a encontros entre os *guenzes*, comerciantes nativos ao serviço dos sobas angolanos que levavam os escravizados aprisionados para as feiras localizadas no interior do território, e os *pumbeiros*, intermediários negros ou mestiços a soldo dos europeus, por norma bilíngues em português e em uma das línguas autóctones, que adquiriam os escravizados aos *guenzes* e os conduziam para os locais de embarque no litoral (FIGUEIREDO, 2018).

Assim, a ocupação efetiva do interior angolano por europeus apenas se iniciou depois da independência do Brasil (1822) e do fim do comércio de escravizados (1836-1842), pois a coroa portuguesa teve de procurar proventos que compensassem a perda de rendimentos daí resultantes. No caso do Libolo, localizado no centro-interior de Angola, a chegada de militares portugueses, missionários espíritanos e colonos europeus apenas aconteceu em finais do século XIX (FIGUEIREDO, 2016).

A Congregação Espírito Santo, ordem católica francesa criada em 1703 pelo padre Claude Poullart des Places (1679-1709), tinha como objetivo principal “salvar as populações negras da abjecção e miséria a que eram votadas” (CORREIA, 1922, p. 10), por meio da prestação de ajuda e educação, sobretudo a estudantes pobres das colônias francesas na África (FIGUEIREDO, 2016). Em 1866, a pedido da coroa portuguesa, o padre Poussot e o noviço Espitalli foram enviados para Angola, onde inauguraram a Missão Católica de Lândana (atual Cacongo, Província de Cabinda).

Posteriormente, em 1893, os padres espiritanos Manuel Gonçalves de Sousa e Jorge Kraftt e o padre secular nativo Joaquim de Oliveira Gericota chegaram ao Libolo, ali fundando a Missão Católica de Calulo (FIGUEIREDO, 2018). Uma das prioridades dos espiritanos foi o resgate de escravizados, adquiridos quer aos colonos quer aos sobas do Libolo, para serem depois devolvidos à condição de homens livres. Contudo, a empresa da evangelização e do ensino nos primórdios da colonização pressupunha um contato próximo com os autóctones e um conhecimento aprofundado dos seus dogmas e preceitos. Assim sendo, os espiritanos decidiram preparar também jovens resgatados para se tornarem os primeiros professores não missionários do Libolo.

Em 1896, chegou ao Libolo o padre Eduardo Georger. Nesse mesmo ano, em carta datada de 05 de novembro e dirigida aos superiores da sua congregação, o missionário indicava que a sua principal ocupação no Libolo era o estudo da língua autóctone, a fim de ajudar, da melhor forma possível, a comunidade<sup>8</sup>. Refira-se, a este propósito, que o padre Georger é autor do manuscrito do primeiro dicionário conhecido em quimbundo libolo<sup>9</sup>, cuja redação foi iniciada no ano da chegada deste espiritano ao Libolo.

Quem teve também intervenção muito ativa nos estudos linguísticos efetuados no Libolo foi o padre Robert, destacado em três ocasiões para esta região: a primeira vez, entre 1901 e 1908; a segunda vez, por alguns meses em 1914; e a terceira vez, entre 1919 e 1925, ano em que faleceu (RIBAS, 1970). No livro do registro do pessoal da Missão do Libolo, consta a seguinte observação sobre o padre Robert: “Bom missionário, bom historiador, um sábio. Os seus manuscritos levam a história da Missão até 1921 e parte até 1924” (LIVRO DO PESSOAL DA MISSÃO DO LIBOLO, s.d., p. 15)<sup>10</sup>.

Não obstante, a atividade deste missionário não se limitou à missionação e ao estudo da história da Missão Católica do Libolo, já que foi também explorador, etnógrafo, linguista e tradutor. Para o nosso trabalho, interessam, essencialmente, os documentos de carácter linguístico, com especial enfoque no *Guia de conversação*, pelo que deixaremos a análise de outros manuscritos para ocasião oportuna.

---

8 “Ma principale occupation actuelle est l’étude de la langue indigène afin de pouvoir faire le plus de bien possible aux nombreux Noirs qui nous entourent”. Citação extraída da missiva manuscrita datada de 05 de novembro de 1896 e assinada pelo padre Eduardo Georger, na Missão Católica de Santo António de Calulo. O manuscrito foi descoberto e fotografado, na íntegra, pelo autor Carlos Figueiredo, em 05 de junho de 2017, nos arquivos da casa mãe da Congregação Espírito Santo, em Paris, França.

9 *Pequeno dicionário português – libolo, edição do P. Georger, aumentada pelo P. LeGouill*, manuscrito sem data, descoberto e fotografado, na íntegra, em 29 de julho de 2016, pelo autor Carlos Figueiredo, no Arquivo da Congregação Espírito Santo, Luanda, Angola. Dois trabalhos sobre o manuscrito foram recentemente apresentados no âmbito de pesquisas do *Projeto Libolo* (ALBANO, 2012; CASTRO, 2021).

10 Manuscrito descoberto e fotocopiado, na íntegra, no Centro de Documentação da Província Portuguesa da Congregação Espírito Santo, Lisboa, Portugal, em agosto de 2015, pelo autor Carlos Figueiredo.

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

Ainda assim, e por estabelecerem ligações com o *Guia de conversação*, salientamos três manuscritos que apresentam um misto de reflexões de caráter teológico, filosófico, etnográfico e linguístico sobre o povo libolo (ROBERT, 1912, 1920; s.d.)<sup>11</sup> e que resultam do fato de o padre Robert ter permanecido por longos períodos nas zonas mais remotas do Libolo em comunhão com os habitantes das mesmas, ouvindo as suas vozes, entendendo mais sobre as suas linhas de pensamento e contactando com a língua autóctone.

Nos manuscritos, o autor, além de conectar a linhagem dos libolos ao povo que, durante a Era do Bronze, habitou a “Terra de Cuxe”, na atual República do Sudão, anota também as suas primeiras impressões acerca do quimbundo libolo. Contudo, a obra mais notável do missionário sobre esta língua é, sem dúvida, o *Guia de conversação*, pois inclui uma gramática detalhada do quimbundo libolo, além de uma lista do seu vocabulário organizada por temas diversos, devidamente anotada e traduzida para português.

O padre Robert deixou para a posteridade um legado linguístico do qual constam ainda várias traduções manuscritas, para quimbundo libolo, de evangelhos, passagens bíblicas, missais, cânticos e catecismos<sup>12</sup>.

No ponto seguinte, focaremos a nossa atenção no *Guia de conversação*, descrevendo aspectos do trabalho filológico necessário para procedermos à sua edição semidiplomática e facilitarmos a sua leitura para observações de âmbito linguístico.

### **Análise filológica e edição parcial semidiplomática do *Guia de conversação***

O *Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos pelos Missionarios da Missão Católica de Calulo*, datado de 5 de outubro de 1923, foi escrito na Missão Católica de Calulo pelo padre Renato Robert, conforme colofão disposto no verso da última página da cópia reprográfica do documento a que tivemos acesso. Trata-se de uma cópia encadernada composta por 120 páginas numeradas continuamente de 1 a 120. Não se tem notícias sobre a localização do códice original. A cópia reprográfica, conforme já referido, encontra-se depositada no Centro de Documentação espiritano de Lisboa.

Devido a seu ineditismo e a sua importância tanto para os estudos da língua portuguesa na África quanto para a análise do quimbundo, optou-se por realizar uma edição conservadora do documento, preservando o estado de língua, com baixo grau de

---

<sup>11</sup> Manuscritos descobertos e fotocopiados, na íntegra, no Centro de Documentação da Província Portuguesa da Congregação Espírito Santo, Lisboa, Portugal, em agosto de 2015, pelo autor Carlos Figueiredo.

<sup>12</sup> Manuscritos vários descobertos e fotografados, na íntegra, no Arquivo da Congregação Espírito Santo, Luanda, Angola, em agosto de 2015, julho de 2016 e maio de 2018, pelo autor Carlos Figueiredo.

intervenção dos editores, considerando que se trata de documento de inestimável valor para pesquisas linguísticas.

A edição do manuscrito de Robert foi realizada a partir da imagem em preto e branco da cópia reprográfica, digitalizada pelo autor Carlos Figueiredo em 2015. Participaram do processo de leitura, decifração e transcrição do texto alunos de iniciação científica do *Projeto Escritos do Libolo*<sup>13</sup>. A metodologia de trabalho consistiu na divisão do *Guia de conversação* em três seções de 20 fólhos recto e verso, cabendo cada uma delas a um aluno, responsável por sua leitura e transcrição. Após a finalização da etapa de transcrição, realizamos uma revisão cruzada, em que cada aluno revisava e comentava a transcrição do colega. A última etapa consistiu numa segunda rodada de revisão cruzada, da qual participaram alunos que não compuseram a etapa inicial de transcrição. O grupo de alunos encarregado da transcrição inicial procedeu, então, a mais uma leitura da edição, e a revisão final foi realizada pela coordenadora do projeto e uma das autoras deste artigo, Vanessa Martins do Monte<sup>14</sup>. As normas de edição utilizadas fundamentam-se nos critérios dispostos em Megale, Toledo Neto e Fachin (2009) e em Monte (2015). As normas utilizadas nos trechos de edição citados neste artigo são reproduzidas a seguir, mas convém destacar que os exemplos de transcrição elencados nas normas foram extraídos da edição semidiplomática do *Guia de conversação*:

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo aos seguintes critérios:
  - a) respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “Numero”, que leva a abreviatura “N<sup>o</sup>” a ser transcrita “Numero”, sem acento;
  - b) no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “Sao” e “Sam”, que levam a abreviatura “S.” a ser transcrita “Sao”.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: k’utanga, tu não lês | muene k’atanga, tat’enu, aiuê! mam’etu uê! mam’ê! Ngambu | etu uê! tat’ório!
4. A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, será marcado: [espaço]. Exemplo: “ikanguelo; [espaço], o que | fica depois de derretido | o toucinho”.

---

<sup>13</sup> O *Projeto Escritos do Libolo* contou com o apoio da Reitoria da Universidade de São Paulo, que financiou três bolsas de auxílio à pesquisa destinadas a alunos de Iniciação Científica no âmbito do Programa Unificado de Bolsas 2015-2016. Os alunos bolsistas são Greta Coutinho Teixeira, Larissa Resende Moreira, Lucas Drumond Moraes e Raquel Nascimento Everton. Além disso, participaram do Projeto as seguintes alunas não bolsistas: Fernanda Nogueira Hyra Chagas Rodrigues e Vivian Maria Florêncio Ramos.

<sup>14</sup> A edição integral do *Guia de conversação* será publicada futuramente.

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

5. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: “arvore de fruto”, “oleo de palma”, “noções de gramatica”.
6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.
7. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela inserção de uma quebra de linha. Trata-se de edição justalinear. Quando for necessário citar um trecho da edição no corpo do trabalho, será usada a barra vertical | para indicar mudança de linhas.

O documento apresenta-se constituído da maneira descrita no Quadro 1. A numeração das páginas está presente na parte central superior de cada folha.

**Quadro 1.** Estrutura do conteúdo do códice

Nº da(s) Página(s)	Conteúdo
Página 1	Capa contendo o título: “GUIA DE CONVERSAÇÃO PORTUGUESA PARA USO DOS LIBOLOS pelos Missionarios da Missão Católica de Calulo – 1923”
Página 2	Advertência informando: “Este guia de conversação é destinado aos   professores das nossas escolas rurais, e deve servir para   dirigi-los no ensino pratico da lingua portuguesa aos   seus alunos; e foi este o motivo que nos levou   a emprehender a sua redação.   Contudo quizemos atender tambem a   quem queria adquirir algum conhecimento da lin-   guagem falada no Libôlo, um dos dialectos da lin-   gua ambunda. São estes os dois fins que tivemos   em vista, e que condicionaram a redação do   nosso trabalho.”.
Páginas 3 a 29	“1ª PARTE: NOÇÕES DE GRAMÁTICA”
Páginas 29 a 119	“2a PARTE   GUIA DE CONVERSAÇÃO”
Páginas 119 a 120	Índice

**Fonte:** Elaboração própria.

O texto do manuscrito distribui-se em duas partes (veja-se Figuras 1 e 2).

**Figura 1.** Reprodução da edição conservadora do Índice do *Guia de Conversação*

		-----		-119-
		INDICE		
Advertencia	Pagina	2	12 -	pronomes possessivos 11
	1ª PARTE		13 -	<i>pronomes</i> demonstrativos 12
	Noções de gramatica		14 -	<i>pronomes</i> relativos 13
	=====		15 -	Exemplos 13
1 -	Ortografia. Plural		16 -	mais exemplos 14
	dos substantivos	3	17 -	pronomes interrogativos 14
2 -	prefixos prenominais	4	18 -	<i>pronomes</i> indefinidos 14



3 -	particula restrictiva	5	19 -	verbo kuikalá	15
4 -	numerais cardinais	6	20 -	verbo ser	17
5 -	<i>numerais</i> ordinais	7	21 -	<i>verbo</i> ter	17
6 -	pronomes pessoais	8	22 -	<i>verbo</i> sai e eji	17
7 -	pronomes prefixos de concordancia	8	23 -	Conjugação regular	17
			24 -	<i>Conjugação</i> negativa	21
8 -	os mesmos, correspondentes aos substantivos	9	25 -	preterito indefinido	21
			26 -	<i>preterito</i> definido	22
9 -	pronomes infixos objectivos	10	27 -	verbos passivos	23
			28 -	complemento de causa eficiente	24
10 -	os mesmos correspondentes aos substantivos	10	29 -	verbo reflexo	24
11 -	pronomes sufixos	10	30 -	outras formas	25

**Fonte:** Elaboração própria (Reprodução de Robert, 1923, p. 119).

**Figura 2.** Reprodução da edição conservadora do Índice do *Guia de conversação*

31 -	Verbos relativos	25	25 -	Doenças	56
32 -	<i>Verbos</i> acusativos	26	26 -	Comer, beber	59
33 -	preposições	26	27 -	cosinhar ... etc	62
34 -	advérbios	27	28 -	luz e calor	64
35 -	conjunções	28	29 -	andar, viajar	66
36 -	interjeições	29	30 -	passar, chegar	68
	-----		31 -	correr, saltar	70
	2ª PARTE		32 -	trabalhar, arranjar	73
	Guia de conversação		33 -	construir casas, cultivar	75
	-----		34 -	forjar, pescar, caçar	78
1 -	partes do corpo	29	35 -	cortar, furar	81
2 -	<i>partes do corpo</i> particulares dos animais	31	36 -	cavar, abrir, dobrar	83
3 -	animais domesticos	31	37 -	guardar, misturar, levar	86
4 -	animais bravos, anti-lopes... etc	32	38 -	bater, tocar musica	89
5 -	cobras, ratos, peixes	33	39 -	dar, pagar, negociar	91
6 -	aves	34	41 -	querer, arrepender-se	96
7 -	insectos	35	40 -	religião, superstições	93
8 -	o ceu, os elementos	35	42 -	ouvir, pensar	98
9 -	a terra, o reino mineral	36	43 -	falar, julgar questões	100
10 -	raiz, campos... etc	37	44 -	gaguejar, cantar	103
11 -	agua, rios	38	45 -	o palmar	105
12 -	cereais, plantas cultivadas	38	46 -	qualificativos	107
13 -	arvores, paus, hervas	39	47 -	uma pagina dos evangelios	110
			48 -	A Saudação angelica	117
			49 -	A Portuguesa	118

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

14 -	especies de arvores	40	Índice	119
15 -	farinhas, alimentos	41		
16 -	bebidas, tabaco	42		
17 -	aldeias, casas, celeiros	42		
18 -	utensílios diversos	44		
19 -	o homem, parentesco	45		
20 -	divisão do tempo	47		
21 -	saudações	50		
22 -	nascimento, morte	51		
23 -	respirar, tossir	52		
24 -	dormir, vestir	54		

Missão Católica de Calulo 5 de Outubro de 1923

Padre Renato Robert

**Fonte:** Elaboração própria (Reprodução de Robert, 1923, p. 120).

A reprodução da edição do Índice do manuscrito (Figuras 1 e 2) permite tomar conhecimento dos tópicos em que são subdivididas as suas duas seções. Percebe-se que a sistematização gramatical ocupa cerca de um quarto do conteúdo, enquanto o “Guia de Conversação” propriamente dito responde pelos outros três quartos do texto.

A primeira parte do *Guia de conversação* – “Noções de Gramática” – apresenta, de modo resumido, os elementos gramaticais que ajudarão a “compreender o texto libolo do guia de conversação” (p. 3). A segunda parte contém o vocabulário em quimbundo, distribuído em 46 campos semânticos. As listas lexicais são seguidas por sentenças e diálogos que ilustram os termos apresentados, com tradução para o português. Uma página da Bíblia com tradução para o português, a Saudação Angélica (Lucas, 1, 28 e 1, 42) e o Hino Nacional de Portugal encerram o *Guia de conversação*.

As “Noções de Gramática” tratam principalmente dos pronomes e dos verbos, que respondem por 14 subtópicos cada, do total de 36 subtópicos. Há um subtópico dedicado às categorias a seguir: ortografia do plural dos substantivos, partícula restritiva, numerais ordinais e cardinais, preposições, advérbios, conjunções e interjeições.

O “Guia de Conversação”, segunda parte do manuscrito, conta com 49 subtópicos, nos quais são apresentadas traduções de diversos verbos e substantivos ligados a cada tema (por exemplo, “Bebidas, tabaco, etc...”; “Saudações portuguesas, Visitas”; “Comer, beber... etc.”) e, após isso, a tradução de possíveis perguntas e respostas sobre o tema em questão, simulando um diálogo.

Na Figura 3, reproduz-se um trecho da edição do subtópico “Comer, beber... etc.” para exemplificar o modo de construção do *Guia de conversação*.

**Figura 3.** Reprodução da edição de parte do subtópico “Comer, beber”

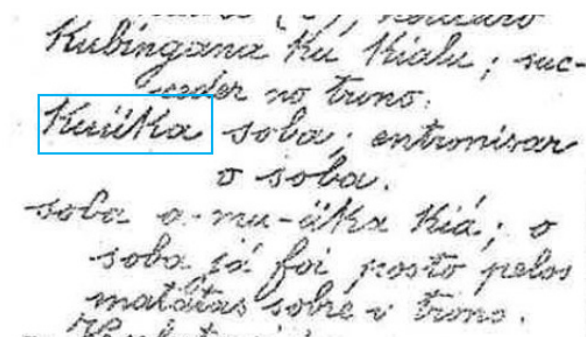
\_\_\_ Iki a-ki-anda?— Isto come-se?  
 \_\_\_ Kiene muene; áua ária, áua k'ari;— sim, senhor! alguns comem-no, outros não comem.  
 \_\_\_ Lolako hanji, pala kutala se muotórie môngua;— prova primeiro para ver se tem sal  
 \_\_\_ Etu túria kiusau? \_ e nós comeremos sem sal?  
 \_\_\_ Muari kia? — comestes?  
 \_\_\_ Kiene muene, tuékuta; uatekula kiambote xingamba xê;— sim, senhor; estamos satisfeitos; tr[ata]ste<sup>50</sup> bem os teus carregadores.  
 \_\_\_ Etu ke turi xitu ia matu; tulesulako ngó kiofele;—nós não comemos carne de gente; lambemos só um bocado.

**Fonte:** Elaboração própria (Reprodução de Robert, 1923, p. 61).

### Comentários paleográficos

Do ponto de vista paleográfico, o documento não apresenta desafios em termos de decifração do tipo de letra traçado pelo punho do padre Robert. Ainda que alguns trechos apresentem manchas de tinta e estejam um pouco apagados, tais ocorrências não chegam a comprometer a leitura do documento. As dificuldades advêm da transcrição das partes escritas em quimbundo, já que a raridade e, por consequência, o pouco contato com documentos manuscritos nessa língua suscitam algumas dúvidas específicas de leitura. Um exemplo é a representação do grafema i dobrado – ii –, que pode facilmente ser confundido com o traçado do grafema u com trema – ü, como se vê na Figura 4.

**Figura 4.** Trecho retirado do *Guia de conversação*

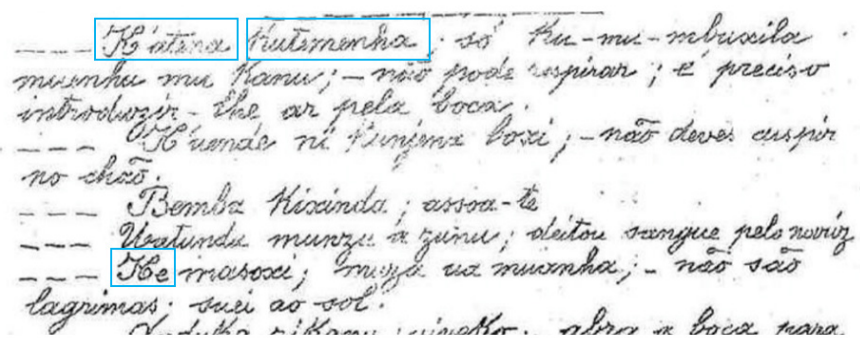


**Fonte:** Elaboração própria (Extraído de Robert, 1923, p. 91).

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

A opção pela transcrição mais adequada requer respaldo na representação escrita do quimbundo. Tal palavra surge, por exemplo, em outra gramática (TORREND, 2007, p. 213): “Ncbombua ti-la-kuiika ko-onse”, dando peso para a hipótese de se tratar de *ii*. Uma particularidade do punho do padre Robert é o traçado do grafema ‘k’ maiúsculo e minúsculo. O grafema ‘k’ é extremamente frequente no documento, já que se trata de letra utilizada majoritariamente para a representação do fonema /k/ do quimbundo no alfabeto latino, como se pode observar na Figura 5.

**Figura 5.** Trecho retirado do *Guia de conversação*



**Fonte:** Elaboração própria (Extraído de Robert, 1923, p. 53).

Como se observa na Figura 5, a primeira palavra “K’atena” apresenta o grafema inicial maiúsculo, que se diferencia do grafema minúsculo, da palavra seguinte, “kutemenha”, não pelo módulo, mas pelo traçado e pelo fato de se levantar o instrumento de escrita para iniciar o traçado do grafema subsequente, como pode ser observado na palavra “Ke”, na penúltima linha da figura. Ambos são grafemas compostos de dois traços, um para a haste inicial, que desce em direção à pauta inferior do tetragrama, e outro para o desenho da segunda parte do grafema, que apresenta um traçado que se inicia na linha superior do tetragrama, desce em direção à haste inicial, encontrando-a e tornando a descer.

No caso do grafema maiúsculo, ambos os traços são mais adornados, havendo, no primeiro, um traço inicial que corre paralelo à linha do tetragrama. No grafema minúsculo, não há o referido traço paralelo, sendo o desenho da haste iniciado com um traçado vertical que sobe à linha superior, de onde torna a descer. O segundo traço do grafema maiúsculo apresenta duas voltas, no início e no final do mesmo, enquanto o grafema minúsculo possui um traçado menos adornado. Tal diferenciação dos grafemas ‘K’ maiúsculo e ‘k’ minúsculo merece destaque, já que se trata de um grafema típico da representação escrita do quimbundo e é importante preservar a capitalização ou não em uma edição de natureza conservadora, como a que se propõe para o *Guia de conversação*, de modo a garantir a fidedignidade da edição em relação ao original.

Cabe ressaltar que somente o olhar atento do paleógrafo sobre o manuscrito é capaz de descrever os critérios mais adequados para diferenciar o grafema maiúsculo do minúsculo já que, neste caso, tal diferenciação não se dá pelo módulo do grafema, mas pela observação atenta do *ductus*<sup>15</sup> do autor e da morfologia do grafema. Reproduz-se, na Figura 6, a edição da imagem disposta na Figura 5, agora para se observar a transcrição dos grafemas ‘k’ maiúsculos e minúsculos nela atestados.

**Figura 6.** Edição justalinear de trecho do Guia de conversação

<p>--- K'atena kutemenha; só ku-mu-mbuxila muenhu mu kanu; — não pode respirar; é preciso introduzir-lhe ar pela boca.</p> <p>--- K'uende ni kunjena boxi; — não deves cuspir no chão.</p> <p>--- Bemba kixinda; assoa-te.</p> <p>--- Uatundu munzu a zunu; deitou sangue pelo nariz.</p> <p>--- Ke masoxi; muza ua muanha; — não são lagrimas; suel ao sol.</p> <p>--- K'atena kutemenha; só ku-mu-mbuxila muenhu mu kanu; — não pode respirar; é preciso introduzir-lhe ar pela boca.</p> <p>--- K'uenda ni kunjena boxi; — não deves cuspir no chão.</p> <p>--- Bemba kixinda; assoa-te.</p> <p>--- Uatundu munzu a zunu; deitou sangue pelo nariz.</p> <p>--- Ke masoxi; muza ua muanha; — não são lagrimas; suel ao sol.</p>	<p>--- K'atena kutemenha; só ku-mu-mbuxila muenhu mu kanu; — não pode respirar; é preciso introduzir-lhe ar pela boca.</p> <p>--- K'uende ni kunjena boxi; — não deves cuspir no chão.</p> <p>--- Bemba kixinda; assoa-te.</p> <p>--- Uatundu munzu a zunu; deitou sangue pelo nariz.</p> <p>--- Ke masoxi; muza ua muanha; — não são lagrimas; suel ao sol.</p>
---	--

**Fonte:** Elaboração própria (Extração e reprodução de Robert, 1923, p. 53).

Nesse trecho, temos três ocorrências do morfema de negação do quimbundo ‘KI’ (BAIÃO, 1946; PEDRO, 1993): aos dois primeiros segue-se um apóstrofo (“K’atena” e “K’uende”), o que não sucede relativamente ao último (“Ke”). As três realizações atestam o levantar do instrumento de escrita para o grafema ou sinal de pontuação seguintes. Na página 23 do manuscrito, ao apresentar a conjugação negativa em ‘libolo’, Robert registra as partículas negativas **ka**, **ke**, **ki**, **ku**, **k’**, e aponta os seus usos nos diferentes contextos: **ka**, precedendo **i** ou **u**; **ki** ou **ke** antes de **a**; e **k’** antes de **u** ou **a**. Essas observações revelam a preocupação do autor em documentar a língua em uso, sem descuidar, no entanto, de indicar, na escrita, as elisões que ocorrem na fala em ambientes específicos.

A exposição gramatical do *Guia de conversação*, embora sucinta, traz os esclarecimentos necessários para a sua leitura. Para uma compreensão mais ampla do texto de Robert, apresentamos a sequência “Particularidades sociolinguísticas do Libolo”, a fim de se situar essa variedade no conjunto “quimbundo”, seguida da análise linguística do manuscrito.

15 Tomamos aqui a acepção de *ductus* conforme Contreras (1994, p. 40, tradução nossa): “a ordem de sucessão e o sentido (da esquerda à direita, de cima até embaixo etc.) em que o escriba executa os traços que compõem cada uma das letras”.

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

## Particularidades sociolinguísticas do Libolo

Figueiredo (2016, 2018) apresenta as particularidades sociolinguísticas do Libolo, zona de ambundos falantes da variedade do quimbundo libolo e do português. A região localiza-se na zona H.23 dos falantes do quimbundo (LEWIS; SIMONS; FENNIG, 2021), estabelecendo isoglossas tanto com áreas de falantes de outras variedades do quimbundo (quissama e quibala) como com zonas de utilizadores do songo e ainda, de certa forma, com a área R.10 (GUTHRIE, 1948) de ovimbundos falantes do umbundo (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013)<sup>16</sup>.

Contudo, alguns habitantes do Libolo referem-se ao quimbundo libolo como *ngoya*. Tal não surpreende, pois esta variedade é oficialmente atestada no Município da Quibala (LEWIS; SIMONS; FENNIG, 2021), o qual estabelece fronteira administrativa com o Libolo e lhe pertenceu até 1921 (FIGUEIREDO, 2016). Portanto, o Libolo é uma área inserida nos domínios dos povos ambundos falantes do quimbundo, mas que registra influências de outras línguas (MINGAS, 2000), uma vez que as regiões de falantes do *ngoya* confluem com domínios de povos ovimbundos.

À parte os manuscritos dos espíritanos sobre o quimbundo libolo descobertos no âmbito das pesquisas do *Projeto Libolo*, Angenot, Mfuwa e Ribeiro (2011) produziram também um estudo sobre as classes nominais do *ngoya*. Contudo, este falar apenas passou a ser minuciosamente analisado a partir de dados de fala coletados por pesquisadores do *Projeto Libolo*. Como tal, o manuscrito *Guia de conversação* é de capital importância para estudo e entendimento não só da evolução diacrônica do quimbundo libolo, língua classificada como “6a”, isto é, vigorosa (LEWIS; SIMONS; FENNIG, 2021), na escala *EGIDS* – *Expanded Graded Intergenerational Disruption Scale*<sup>17</sup>, mas também para observação do português do Libolo, que incorpora vocabulário e traços morfossintáticos do quimbundo libolo (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2003), alguns atestados também no português falado em Angola e no Brasil.

---

16 As letras e os números aqui apontados correspondem à classificação geográfica das línguas do grupo banto proposta por Guthrie (1948), referências essas para identificarem as diferentes línguas desse grupo. As línguas do sudoeste da África, onde se situa Angola, estão situadas nas zonas H, K e R. Assim, H20 é o grupo quimbundo, enquanto H23 identifica o ‘libolo’ (bolo), uma variedade do quimbundo.

17 Na escala elaborada por Lewis e Simons (2010), a *EGIDS*, são estabelecidos os critérios de avaliação da vitalidade das línguas. Os níveis variam de 0 (língua internacional) a 10 (língua extinta) e coincidem com os propostos na *GIDS* – *Fishman’s Graded Intergenerational Disruption Scale* (FISHMAN, 1991). O nível “6a” de vitalidade atribuído ao quimbundo libolo classifica-o como língua de uso na comunicação face a face por todas as gerações, concedendo-lhe o patamar de situação estabilizada e sustentável.

## **Análise linguística do *Guia de conversação*: a introdução**

Na introdução do *Guia de conversação*, Robert informa que o manuscrito se destina a dois públicos (p. 2), podendo, então, ser lido como o registro de línguas em contato na região do Libolo: o português e a variedade local de quimbundo [identificada pelo religioso como “um dos dialectos da língua ambunda” (p. 2)].

Suas fontes bibliográficas são variadas e nos permitem concluir que Robert conhecia uma bibliografia básica de quimbundo. Consultou estudos feitos por padres sobre outras línguas angolanas (*olunyaneka* e *kikongo*) e afirma ter seguido, sem muitas modificações, o *Método prático da língua mbundu, falado no distrito de Benguela*, do padre Ernesto Lecomte (1897), por julgar muito bem feito o livro e, provavelmente, por saber que a língua falada no Libolo estava numa área de transição entre o quimbundo e o umbundo, idioma falado em Benguela. Sobre o quimbundo, especificamente, Robert julga-se “devedor” da *Grammatica elementar do kimbundu*, de Heli Chatelain (1888/1889), e do livro *Elementos para o estudo do kimbundu*, do Padre Luiz L. Cancelli, Malange (1920). Robert menciona, também, o já referido “dicionário Português-Libolo, manuscrito coligido pelo Padre Eduardo Georger” (p. 3)<sup>18</sup>.

É digno de nota o fato de Robert ter consultado o trabalho de Chatelain – até hoje a gramática mais completa sobre o quimbundo e que serve como referência para os demais estudos que se vêm desenvolvendo sobre a língua –, o qual, por seu lado, faz menção à “primeira obra puramente gramatical sobre o kimbundu”, a *Arte da lingua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãe & Senhora dos mesmos Pretos, pelo P. Pedro Dias da Companhia de Jesu*, publicada em 1697, em Lisboa, mas redigida no Brasil (1888/1889, p. XVI).

## **Estrutura do *Guia de conversação*: primeira parte do documento**

Sob a rubrica ‘noções gramaticais’ (da p. 3 à p. 29) estão apresentados, de forma bem sucinta, os tópicos referentes à ortografia, fonética/fonologia e morfossintaxe que abordaremos neste texto. Reproduzimos os dados do manuscrito de acordo com a edição referida em seção anterior, procedendo apenas a uma alteração: o uso de itálico para os termos em quimbundo e de aspas simples para a tradução ao português.

O autor informa que, por respeito aos mestres, seguirá a ortografia do quimbundo proposta pelos padres Magalhães e Cancelli. Observa apenas que “O Libôlo” se lê como

---

<sup>18</sup> A propósito do dicionário do padre Eduardo Georger, veja-se nota de rodapé 9.

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

o português, mas “o **g** é sempre gutural e o **s** sempre forte, valendo ç”. Apesar de haver alguma variação na escrita, a ortografia utilizada já coincide em grande parte com a que preconiza o Instituto de Línguas Nacionais de Angola desde a década de 1980.

Com relação aos aspectos suprasegmentais, o autor nota que a “entoação ou acentuação” é diferente nas duas línguas e afirma que isso não se aprende nos livros, mas “falando e ouvindo falar a língua”<sup>19</sup>. Quanto às vogais, apenas observa que o “o final tem o valor próprio do o e não do u como em português”.

Sua observação quanto à prosódia das duas línguas é perspicaz, tendo em conta que é recente a descoberta de que essa língua é tonal e não acentual como o português.

Robert observa, ainda no primeiro item, que o plural dos substantivos se forma pela substituição ou anteposição de prefixos. Concisamente, resume a questão: da 1<sup>a</sup> à 5<sup>a</sup> classe, muda o prefixo; da 6<sup>a</sup> à 9<sup>a</sup> classe, antepõe-se *ma-* ao singular; na 10<sup>a</sup> classe antepõe-se *xi-* ao singular. Esta apresentação difere da proposta por Chatelain em alguns aspectos: os prefixos de plural das classes 6 a 9, que se acrescentam à forma do singular, embora resulte no mesmo que Chatelain apresenta como substituição; a ordenação das classes 10, 5, 9; e o prefixo de plural da classe 9/10 (variação entre consoante surda e sonora, que reflete a realização como sonora dos falantes do Libolo, como se observa ainda hoje). O Quadro 2 apresenta os prefixos das classes segundo os dois autores.

**Quadro 2.** Prefixos das classes do quimbundo, segundo Robert e Chatelain

Classes	ROBERT		CHATELAIN	
	Pref. Sing.	Pref. plural	Pref. Sing.	Pref. Plural
1 <sup>a</sup>	<i>mu</i>	<i>a</i>	<i>mu</i>	<i>A</i>
2 <sup>a</sup>	<i>mu</i>	<i>mi</i>	<i>mu</i>	<i>Mi</i>
3 <sup>a</sup>	<i>Ki</i>	<i>i</i>	<i>ki</i>	<i>I</i>
4 <sup>a</sup>	<i>Ri</i>	<i>ma</i>	<i>ri</i>	<i>Ma</i>
5 <sup>a</sup>	<b><i>Ka</i></b>	<b><i>tu</i></b>	<i>u</i>	<i>Mau</i>
6 <sup>a</sup>	<i>U</i>	<i>ma</i>	<i>lu</i>	<i>Malu</i>
7 <sup>a</sup>	<i>Lu</i>	<i>ma</i>	<i>tu</i>	<i>Matu</i>
8 <sup>a</sup>	<i>Tu</i>	<i>ma</i>	∅ <i>ku</i>	<i>Maku</i>
9 <sup>a</sup>	<i>Ku</i>	<i>ma</i>	∅ ( <i>vários</i> )	<b><i>Ji</i></b>
10 <sup>a</sup>	--	<b><i>xi</i></b>	<b><i>ka</i></b>	<b><i>Tu</i></b>

**Fonte:** Elaboração própria.

19 Na seção **O Libolo: ocupação e primeiros estudos etnolinguísticos sobre a região**, fizemos referência às deambulações do padre Robert pelo Libolo e aos seus períodos de permanência entre as diversas comunidades da região, a fim de ter contato direto com os falantes do quimbundo libolo.



Para efeito de comparação, veja-se a apresentação atual das classes nominais (BONVINI, 1996, baseada em PEDRO, 1993), que segue o princípio estabelecido para as línguas bantas (BLEEK, 1869; MEINHOF, 1906), que indica o singular por números ímpares e o plural, por números pares. No Quadro 3, reformulado para este estudo, manteve-se o agrupamento SG/PL, mas indicando-se a respectiva classe.

**Quadro 3.** Classes nominais do quimbundo

GÊNEROS	CLASSES (SG/PL)	Valor de referência	EXEMPLOS SG/PL
I	1-2 <i>mu/a</i>	humano	<i>mútù/átù</i> 'pessoa'
II	3-4 <i>mu/mi</i>	planta	<i>múxi/míxi</i> 'árvore'
III	5-6 <i>di/ma</i>	corpo	<i>dízwì/mázwì</i> 'língua'
IV	7-8 <i>ki/i</i>	fabricado	<i>kínù/inù</i> 'pilão'
V	9-10 Ø; i/ji	animal	<i>hómbò/jihómbò</i> 'cabra'
VI	11-6 <i>lu/ma</i>	objeto	<i>lúmbù/málúmbù</i> 'muro'
VII	12-13 <i>ka/tu</i>	diminutivo	<i>kàmbwà/tùmbwà</i> 'cachorrinho'
VIII	14-6 <i>u/ma</i>	abstrato	<i>ùkàmbà/mákàmbà</i> 'amizade'
IX	15-6 <i>ku/ma</i>	infinitivo	<i>kúà/mákúà</i> 'ir', 'ida'
	16 <i>bu</i>	em cima de	<i>búlú</i> 'no céu'
	17 <i>ku</i>	junto a	<i>kúkù</i> 'por aqui'
	18 <i>mu</i>	dentro de	<i>mùbátà</i> 'na casa'

**Fonte:** Elaboração própria, com base na proposta de Bonvini (1996).

Segundo a proposta dos bantuístas, desde Bleek (1869), cada emparelhamento – 1-2; 3-4; 14-6, por exemplo – constitui um *gênero*, sem que essa designação implique sexo, pois significa *classe, agrupamento*. Desta forma, há no quimbundo 9 gêneros, como se pode observar no Quadro 3 (o acento grave indica tom baixo e o agudo, tom alto).

Nota-se bastante semelhança entre as classes propostas por Robert e os gêneros da apresentação atual, que inclui as três classes locativas não submetidas à flexão de número. Quanto ao valor semântico dos prefixos, o autor apenas observa que o prefixo *ka-* indica normalmente o diminutivo. Embora apresente 10 classes, Robert reconhece que são 19 os prefixos que possuem “um prefixo concordante ou pronominal que se liga às palavras que concordam com o substantivo” (p. 4), a exemplo dos adjetivos, que o autor afirma serem pouco numerosos. Apresenta os prefixos pronominais de todas as classes que estabelecem a concordância dos adjetivos com os substantivos, como o seguinte: 5<sup>a</sup> *kangulo kauaba* ‘um bonito leitão’; *tungulu tuauaba* ‘leitões bonitos’ (p. 5).

Ainda sobre a concordância no sintagma nominal, Robert nota que “Os complementos limitativos, possessivos e de matéria, regidos em português da preposição

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

*de*” também são ligados pelos mesmos prefixos concordantes acrescidos pela “partícula restritiva ou limitativa *a*”. Ex: *kinama kia mona*, ‘a perna do filho’; *onzo ia tat’etu*, ‘a casa de meu pai’ (p. 6).

Os pronomes pessoais são apresentados juntamente com os prefixos de concordância, os morfemas de flexão de pessoa e número, que antecedem a forma verbal. No Quadro 4, comparamos as formas de Robert às coletadas no Libolo em 2013.

**Quadro 4.** Morfemas de flexão de pessoa e número do verbo no quimbundo libolo

	ROBERT (1923)	PROJETO XXXXXX (2013)
1SG	<i>Eme ngi</i>	<i>Eme Ngj</i>
2SG	<i>Eie u</i>	<i>Eie U</i>
3SG	<i>Muene u</i>	<i>Muene U</i>
1PL	<b><i>Exe tu</i></b>	<b><i>Etu Tu</i></b>
2PL	<b><i>Enhe mu</i></b>	<b><i>Enu Nu</i></b>
3PL	<i>Ene a</i>	<i>Ene A</i>

**Fonte:** Elaboração própria.

O autor exemplifica, com verbos conjugados no presente e no pretérito, o uso dos pronomes e os prefixos de concordância, transcritos aqui com destaque (p. 9):

- (1) ***Eme*** *ngitanga* – eu leio      ***Exe*** *tuabângele* – nós fizemos  
***Eie*** *utanga* – tu lês      ***Enhe*** *muabânguele* – vós fizestes  
***Muene*** *utanga* – ele lê      ***Ene*** *abângele* – eles fizeram

Para evidenciar o mecanismo de concordância no nível da sentença, quando o sujeito não é pronominal, o autor apresenta um quadro com os índices de concordância das dez classes e dá exemplos, como este: *Kiama kilenga*, ‘o bicho foge’ (p. 9).

São apresentados, na sequência, os pronomes pessoais na função de complemento, ou os “Pronomes infixos objetivos referidos a pessoas”, e os que se referem a nomes, correspondentes às 10 classes de substantivos, os “pronomes prefixos subjetivos” (p. 9-10). No caso de haver dois objetos expressos por pronomes, Robert argumenta que o complemento indireto deve ser infixo (p. 11)<sup>20</sup>; o direto é sufixo e toma diferentes formas, conforme a classe do nome substituído.

- (2) (*mahongo*) a-**mu**-bene-**namo**  
 (‘bananas’) eles- **lhe** - dar.pres.- **as** (glosa e destaque acrescentados)  
 ‘Deram-lhas’ (p. 11)

<sup>20</sup> Embora Robert trate o morfema do complemento indireto como um infixo, na verdade trata-se de um prefixo, visto que não quebra a raiz do verbo.

O autor informa que os relativos são idênticos aos prefixos de concordância do verbo com seu sujeito, o que significa dizer que “em Libôlo não há pronomes relativos propriamente ditos” (p. 13). O padre alerta os catequistas para essa dificuldade e sugere diferentes estratégias de tradução do relativo do português em trechos da Bíblia.

Robert mostra também a complexidade da conjugação verbal do ‘libolo’. Cita os auxiliares, sendo *kuíkala*, ‘estar, ficar’ o mais importante. Afirma que não existe o verbo substantivo *ser* (p. 17). Substitui-se, nas 1<sup>as</sup> e 2<sup>as</sup> pessoas, singular e plural, pelos prefixos de concordância: *ngi*, *u*, *tu*, *mu* ou *nhi*. Ex.: êie *urinhanga*, ‘ele é caçador’ (p. 17).

As anotações do autor mostram também que não há o verbo *ter* no quimbundo libolo, que é substituído por *kuíkala*, ‘estar’ acompanhado pela preposição *ni*, ‘com’. Ex: *ngala ni nzala*, ‘tenho fome, estou com fome’ (p. 17).

Relativamente ao verbo *kutanga*, ‘ler’, Robert observa que, dos 27 tempos ou formas verbais, só são utilizados 6: “presente simples do indicativo, presente contínuo 2<sup>a</sup> forma, pretérito definido do indicativo, imperativo e o presente simples do *conjunctivo*” (p. 18). Ao lado da conjugação de todos os tempos, o autor apresenta uma tradução em português, como a do futuro contínuo 2<sup>a</sup> forma. Ex: *eme ngakékala kitanga* ‘eu lerei, eu hei de ler; eu estarei lendo ou a ler; eu estiver lendo ou a ler...etc’ (p. 19).

Note-se a dupla tradução das formas *lendo... a ler*. Para se sinalizar, em português, o aspecto do momento rigoroso ou durativo (presente contínuo), a construção perifrástica *estar + gerúndio* surge já em documentos vetustos como *Da demanda do Santo Graal*, do século XIV ou XV (HUBER, 1993, p. 211), enquanto a forma *estar a + infinitivo* (infinitivo gerundivo) não aparece em estruturas trecentistas e apenas se desencadearia no final do século XVIII, destacando-se depois como um fenômeno típico do século XX (MOTHÉ, 2006). Por seu lado, as gramáticas de quimbundo do final do século XIX apenas trazem o gerúndio como tradução de formas do quimbundo equivalentes ao presente contínuo em português: (i) *Eme ngolobanga* - ‘eu estou fazendo’ (CHATELAIN, 1888-1889); (ii) *Ene uenio um tanga* - ‘elles continuam contando’ (BATALHA, 1891).

Veja-se também que, no século XX, Baião (1946) ainda atesta o uso do gerúndio: *ngolotanga* ‘estou lendo’ (p. 74). Porém, o manuscrito de Robert permite visualizar um retrato do português do Libolo na época em que as duas formas estariam em variação<sup>21</sup>,

---

21 Poderia levantar-se aqui a possibilidade de as formas em variação atestadas no manuscrito refletirem interferência da língua materna do padre Robert, o francês, no português L2 do missionário. Contudo, outros documentos em português do autor revelam também a sua boa fluência nesta língua, resultante do fato de ele ter intercalado os seus períodos de ausência no Libolo com estadias na França e em Portugal, sobretudo nas instalações dos espiritanos em Formiga. Estudioso atento dos fenômenos linguísticos, certamente que Robert, em caso de dúvidas sobre algumas formas do português, teria consultado os seus colegas missionários portugueses do Libolo e de Portugal antes de as atestar, da mesma forma que fazia em relação aos falantes nativos do quimbundo libolo, quando se levantavam incertezas sobre realizações desta língua (veja-se, no texto, o parágrafo que se segue ao número que introduz esta nota de rodapé).

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

fato que não ocorreu no português brasileiro, que manteve a forma do gerúndio. Presentemente, no Libolo, conforme dados de fala recolhidos entre 2013 e 2019, no âmbito do *Projeto Libolo*, a mudança se completou em favor da construção *a + infinitivo*.

Robert apresenta as regras complexas de formação do pretérito definido e indefinido (p. 22-23); preocupando-se em explicar as onze terminações do pretérito definido: *ele, ene, ile, ine, uele, uene, uile, urile, uine, irile, uirile*. Sugere também que se veja a gramática de Chatelain e, se não resolver, aconselha: “Em caso de dúvida consulte-se o dicionário vivo, que é... o preto” (p. 23)<sup>22</sup>.

Tal como Dias (1697) e Chatelain (1888/1889), Robert concorda que não há, em ‘libolo’, uma forma passiva como as demais línguas do grupo banto (p. 23-24). Porém, apresenta a “conjugação dos verbos passivos”, uma forma equivalente à voz passiva (p. 23), em que o agente ou “complemento de causa eficiente” é introduzido por *kua* ou *ku*.

- (3) êie *a-ku-uábela kua tat’enu*, ‘tu és amado de teu pai’ (p. 24).

Para Robert, os “Verbos relativos” são uma das particularidades mais interessantes das línguas *cushitas* africanas, pois acredita que o ‘libolo’ seja um idioma dessa família. O autor segue a proposta do padre Magalhães, para quem seria imprópria a classificação desses povos como “Bantu”. Afirma que as línguas “cushitas” são faladas pelo grupo étnico de mesmo nome, [que é] “descendente de Noé por Chus, filho de Cham, e que ocupa actualmente o centro da África” (p. 25)<sup>23</sup>. A confusão entre povo e língua feita pelo padre Magalhães é frequente ainda hoje e, neste caso específico, pode ser explicada: o termo “bantu” foi cunhado no século XIX por Bleek (1862) para identificar um conjunto de línguas da África austral que apresentava um sistema complexo de classificação nominal, o que deixa claro que a referência “bantu” é, originalmente, linguística.

---

22 Relativamente a esta afirmação de Robert, remete-se o leitor para a nota de rodapé 19.

23 De acordo com Figueiredo (2016, p. 188-190), além de o padre Robert conotar a origem do povo libolo aos *cushitas* (atual povo etíope), é importante referir que o missionário presenciou também diversos rituais no Libolo durante os períodos em que permaneceu junto das suas comunidades, conotando-os aos egípcios. As observações do padre e suas ligações aos egípcios vão desde simples hábitos do quotidiano, como o fato de os sobas, tal como sucedia com os faraós, terem um indivíduo ao seu serviço, o Ngana Tandela, especificamente encarregado de transportar o seu chapéu de chuva (sombriinha, no vocabulário do português de Angola) para o proteger do sol quando se deslocava, até os cerimoniais dos funerais destes chefes africanos. No Libolo, as técnicas de mumificação dos sobas, únicas em Angola, são conotadas pelo missionário às praticadas pelo povo descendente de Mizraim, segundo filho de Cam (Cham), ou seja, pelo povo egípcio (ROBERT, 1920). Dado que Cuxe (Chus), líder do povo *cushita*, é o filho mais velho de Cam, estabelece-se, assim, uma teia de ligações etnoculturais prístinas entre o povo libolo (descendente de Cuxe) e os outros povos liderados pelos filhos de Cam, com especial ênfase para o povo egípcio. Pute, líder ancestral do povo líbio, e Canaã, primeiro chefe dos cananeus (israelitas), foram os outros filhos de Cam.

Segundo o autor, que utiliza a mesma denominação de Chatelain (1888/1889, p. 90), os “verbos relativos” acrescentam à “forma primitiva uma ideia de relação, às mais das vezes de fim, de troca, de lugar para onde, de repetição, de causa, a favor de... relações expressas em português por preposições” (p. 25); dentre os quais situa os verbos causativos, como *kutanga*, ‘ler’; *kutangesa*, ‘fazer ler’ (p. 26).

Robert encerra a descrição gramatical apontando “algumas” preposições, conjunções, interjeições e “alguns” advérbios. Menciona as preposições *mu*, *bu*, *ku*, ‘em’, correspondentes às *classes locativas* na classificação atual do quimbundo, e *katé*, provavelmente emprestada da forma portuguesa ‘até’. Dentre os advérbios de afirmação, indica *xim*, adaptação fonológica do ‘sim’ português. Refere também algumas conjunções emprestadas do português, ao lado das “libôlas”, como *manhi*, *se* (*aportuguesando*) *se*; - *okula*, *okuila se*, ‘se’ e *maji*, ‘mas’ (p. 28). Embora *pala*, ‘para’ apareça também como preposição nos diálogos transcritos, Robert só a classifica como conjunção (p. 28)<sup>24</sup>.

### Estrutura do *Guia de conversação*: segunda parte do documento

Esta parte contém 49 itens; de 1 a 46 é apresentado o vocabulário da língua, organizado por um critério semântico. A partir do tópico 20 (divisão do tempo), há exemplos de sentenças e diálogos. O item 47 apresenta “uma pagina dos evangelhos” (São João, cap. 5) em quimbundo e em português; no 48, há “a saudação angelica”, também nas duas línguas e, no 49, o autor transcreve “A Portuguesa” (Hino Nacional).

A lista de palavras que compõem cada campo não segue a ordem alfabética, mas parece orientar-se pela observação da realidade. As análises gramaticais e apreciações etnográficas, quando ocorrem, surgem em notas colocadas logo após o item lexical.

Os apontamentos gramaticais são constantes e já aparecem no primeiro termo do tópico 1, *partes do corpo*, - *mukutu* (*mi*) *corpo* (p. 29). O autor explica que indicará o prefixo de plural desta forma, colocando a “partícula” (*mi*) ao lado da palavra, sem indicar a classe dos substantivos. Ainda assim, informa que algumas palavras só se usam no plural, como *rikala* (*ma*) ‘carvão’ (p. 36). Observa, também, casos de variação no uso dos prefixos de concordância, como no sintagma *malenda a ngulu* ‘gordura de porco’, em que é usado o prefixo *a* em vez de *ma*, “o que é frequente no Libolo” (p. 41). Ao constatar a variação (irregularidade) do plural, no item 18 - *utensílios diversos* -, depois dos termos *ohua*, *mochua*, ‘pedras’, Robert comenta que há outros registrados no *Guia de conversação* e

24 Por limitações da extensão do presente texto, não é possível apresentar aqui a totalidade dos fenômenos gramaticais já observados no âmbito dos estudos do *Projeto Libolo*, remetendo-se, para trabalhos futuros, apresentações mais detalhadas sobre os mesmos.

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

reconhece a importância do uso da língua, em que a variação é constante, principalmente quanto à concordância decorrente do sistema de classes nominais.

Por outro lado, a lista lexical revela o conhecimento da natureza local e a preocupação etnográfica de registrar as particularidades observadas. Resumimos, a seguir, algumas anotações culturais feitas por Robert:

- i) na lista das partes do corpo (1), informa que *muxima (mi)* significa ‘fígado’, que é a “sede dos sentimentos morais que nós chamamos coração” (p. 30). Dessa forma explica a tradução da palavra portuguesa ‘coração’ por *muxima* em todos os textos religiosos;
- ii) no campo semântico *o homem, parentesco, condições das pessoas* (item 19) há vários termos que mostram a organização familiar e social (p. 45-47). São registrados três termos para designar o papel da mulher como esposa: *mukaji (a)*, ‘esposa’; *kutembo, akutembo*, ‘mulher principal do soba’ e *munguku, akuku*, ‘as outras mulheres do soba’. Os termos *cambari, himbari*, ‘preto civilizado, negociante’ mostram a discriminação entre os aculturados (assimilados) e os demais, identificados como *mumbundu, ambundo*, ‘preto’;
- iii) o campo semântico 38, *bater, tocar música... etc.* (p. 89-91), compreende verbos como *kumbeta*, ‘bater’; *kubanga*, ‘lutar’; *kutala hari, kumona hari* ‘padecer, sofrer’; *kumbeta*, ‘castigar’; *kusamba*, ‘bater palmas’; *kukina*, ‘dansar’; *kutonoka*, ‘brincar’; *kuxika*, ‘tocar musica, tocar sino’ e instrumentos como *marimba*, ‘piano com teclas de pau duro’; *mbanza (xi)* ‘especie de harpa’; *huita, xihuita*, ‘instrumento de musica, uma caixa redonda com capim dentro, produzindo fortes roncós’<sup>25</sup>. No final da lista lexical há frases, como: “*Munguetu iú uala kutala kiávulu ohari; izua ioso a-mu-mbeta ni chicote*; - este nosso camarada padece muito; todos os dias o chicoteiam” (p. 90)<sup>26</sup>.

---

25 No Brasil, o dicionário de Macedo Soares (1888) registra o termo *puíta*, hoje ‘cuíca’, instrumento que tem as mesmas características da *huita*, conforme a descrição de Robert. O bispo espiritano Vidal (1916, p. 122-123), em visita ao Libolo, assistiu a danças tradicionais acompanhadas pelo batuque, marimba e *kuita*, instrumento musical que ele nunca tinha visto. Atraído pelos “roncos maravilhosos” da *kuita*, Vidal descreve detalhadamente o instrumento, bem como sua forma de tocar. A marimba e a *kuita* estão praticamente extintas no Libolo, mas o autor Carlos Figueiredo (2016), durante as suas atividades de campo no âmbito das pesquisas do *Projeto Libolo*, teve oportunidade de as encontrar e fotografar em 2013, pois ainda são usadas entre o povo mucongo do Libolo. Tanto quanto o autor observou, o termo pronunciado entre os mucongos é *mpwita*, aproximando-se da forma atestada por Macedo Soares (1888).

26 Os itens que destacamos indicam o bom conhecimento do autor sobre a estrutura verbal; já o uso do ‘chicote’ em português talvez revele um resultado inesperado do contato.

- iv) no item 44, *gaguejar, cantar, gritar... etc.* (p. 103-105), há termos que parecem não se encaixar na acepção do subtítulo, como *kuxinga*, “insultar por seus modos, por exemplo deixando de convidar alguém, não lhe respondendo, mostrando-se amuado... etc.”.

## Considerações finais

Nesta abordagem, analisamos o primeiro registro completo da gramática do quimbundo libolo, o *Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos pelos missionários da Missão Católica de Calulo*, de autoria do padre espiritano Renato Robert, e que inclui também uma extensa lista de vocabulário desta língua. No estudo do manuscrito, procuramos apontar os aspectos principais do documento, em que sobressai a sua importância como registro de um momento da história das duas línguas utilizadas no Libolo: o quimbundo libolo e o português do Libolo. Cabe notar que vários tópicos gramaticais que estão em discussão hoje nos estudos sobre o contato do português com o quimbundo, tanto em Angola quanto no Brasil, como a variação na concordância ou as construções passivas e impessoais, já haviam sido registrados pelo autor à época.

A localização geográfica do Libolo, em uma zona de confluência entre povos ambundos e ovimbundos, e o modo como ocorreu a sua ocupação pelos primeiros, foram fatores importantes para o desenvolvimento de uma cultura singular e também da variedade específica do quimbundo falado na região. Os missionários, tendo consciência dessas especificidades, estudaram e registraram tais fenômenos, pois o seu entendimento revelava-se essencial para levarem a cabo um adequado trabalho de missionação.

Para analisarmos linguisticamente o *Guia de conversação*, a equipe de filologia do *Projeto Libolo* trabalhou na edição conservadora da cópia reprográfica do manuscrito original, tendo em vista a preservação do estado de língua. Revelando um momento em que as duas variedades linguísticas do Libolo foram utilizadas no mesmo espaço geográfico e influenciaram-se mutuamente, como ocorre em toda situação de contato, o documento evidencia que, do lado do “libolo”, ocorreram interferências gramaticais e empréstimos lexicais do português. Por exemplo, o uso da preposição *pala*, já atestado no manuscrito em construções aplicativas, ainda que o autor apenas classifique este item como conjunção, resultou, no quimbundo documentado em 2016 pelos pesquisadores do *Projeto Libolo*, em: *Nzumba u-a-lambe okudia pala wana*, ‘Nzumba cozinhou a comida para as crianças’, que ocorreu em variação com a ocorrência aplicativa e a preposição *ko* do quimbundo: *u-a-lambela okudia ko wana*.

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

Destacamos também, entre os empréstimos lexicais do português, a especificação de alguns tipos de alimentos (p.e.: *honjo ria maçã* ‘banana maçã’, *mafua ma couve* ‘folha de couve’), determinados nomes de referentes novos para os africanos (p.ex.: *rilesu*, *malesu* ‘lenço para a cabeça’, *kabalo* ‘cavalo’, *nzolo* ‘anzol’, *orolha* ‘rolha’, *ngarrafao* ‘garrafão’, *vinhu* ‘vinho’), ou verbos como “*kukazala*” ‘casar de forma moderna’ (em oposição a *kusokana* ‘casar de modo tradicional, amigar’). Na página dos evangelhos (p. 110-118), vários termos portugueses são também adaptados ao “libolo” (p.ex.: *anju*, *sabalu* ‘sábado’, *rivulu ria Nzambi* ‘escrituras’, *festa xijudeu* ‘festa dos judeus’).

Com relação ao português falado no Libolo, vários termos do ‘libolo’ atestados no *Guia de conversação* fazem hoje parte do vocabulário recorrente da região (e até de Angola): *makunde* ‘feijão’, *muamba* ‘molho de óleo de palma’, *makanha* ‘folhas de tabaco enroladas em forma de trança’. Alguns desses termos foram importados da forma plural, podendo sofrer nova pluralização no português e originar palavras sincréticas, uma vez que coabitam nelas o prefixo plural de classe do ‘libolo’ e o sufixo português de pluralização: *kubatas* ‘cabanas, palhotas’ (singular *bata*).

No que concerne ao português falado no Brasil, muitos vocábulos registrados por Robert continuam em uso, às vezes com alguma modificação de forma e sentido, como *muxiba* (‘veia’ no *Guia de conversação*; ‘carne magra, pelanca’, cf. HOUAISS 2009) ou *mulundu* (‘montanha, monte’ no *Guia de conversação*; *murundu* ‘uma quantidade de qualquer coisa, monte’, cf. HOUAISS 2009).

O *Guia de conversação* responde à necessidade de construir um código de comunicação eficiente para os objetivos da missão, que depende da busca de equivalências linguísticas entre as duas variedades em contato: o ‘libolo’ e o português. À tradução da língua associa-se a tradução da cultura, que se revela na organização semântica da lista lexical, frequentemente acompanhada de observações etnográficas.

Dificuldades no estabelecimento de semelhanças entre as duas línguas são também apontadas, como na prosódia, quando Robert observa que a “entoação ou acentuação” é diferente nas duas línguas, e que essa particularidade só se aprende “falando ou ouvindo falar”. Num outro momento, por exemplo, o autor constata também a impossibilidade de explicar as terminações do pretérito definido, que só se resolveria com a consulta ao falante nativo do ‘libolo’. Robert demonstra, desta forma, que o conhecimento da língua do outro é necessariamente construído em relação com o outro, no trabalho de campo, que ele realizou intensamente com os instrumentos de que dispunha na época e que se revelariam de capital importância na atualidade quer para ajudar, por exemplo, a compreender particularidades do registro ortográfico do quimbundo instituído pelo



Instituto de Línguas Nacionais de Angola na década de 1980, quer para permitir entender a forma como as duas línguas do Libolo se entreteceram diacronicamente na construção dos seus cunhos identitários.

## Referências

ALBANO, O. C. L. J. **Para uma reavaliação do sistema de classes nominais do kimbundu do Libolo a partir da edição do manuscrito: Georger (s/d)**. Trabalho apresentado ao 68º Seminário do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo), Universidade de São Paulo, evento *on-line*, 2021. Disponível em: <https://www.gel.org.br/eventos/seminario-2021/sexo-de-painis/1270>. Acesso em: 12 jul. 2021.

ANGENOT, J. P.; MFUWA, N.; RIBEIRO, M. A. As classes nominais do kibala-ngoya, um falar bantu de Angola não documentado, na intersecção dos grupos kimbundu [H20] e umbundu [R10]. **PAPIA**, v. 21, n. 2, p. 253-266, 2011.

BAIÃO, D. V. **O kimbundu sem mestre**: elementos coligidos e coordenados. Porto: Imprensa Moderna, 1946.

BATALHA, L. **A língua de Angola**. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1891.

BLEEK, W. H. I. **A comparative grammar of South African languages. Part II. The concord**. London, Trubner: Paternoster R., 1869.

BLEEK, W. H. I. **A comparative grammar of South African languages. Part I. Phonology**. London, Trubner: Paternoster R., 1862.

BONVINI, E. "Classes d'accord" dans les langues négro-africaines. Un trait typologique du Niger-Congo. Exemples du kasim et du kimbundu. **Faits de Langues, Revue Linguistique Ophrys**, n. 8, p. 77-88, 1996.

CALDEIRA, A. M. **Escravos e traficantes no império português**: o comércio negreiro português no Atlântico durante os séculos XV a XIX. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013.

CASTRO, O. H. L. C. **Aspetos filológicos de um documento do séc. XX: Georger (s/d)**. Trabalho apresentado ao 68º Seminário do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo), Universidade de São Paulo, evento *on-line*, 2021. Disponível em: <https://www.gel.org.br/eventos/seminario-2021/sexo-de-painis/1271>. Acesso em: 12 jul. 2021.

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

CHATELAIN, H. **Kimbundu grammar. Grammatica elementar do kimbundu ou lingua de Angola.** Genève: Typ de Charles Schuchardt, 1888/1889.

CONGRÉGATION DU SAINT-ESPRIT ET DU SAINT COEUR DE MARIE. **Information sur l’admission aux vœux perpétuels du P. Robert René.** Archives Générales à Chevilly de la Congregation du Saint-Esprit, Paris, França, 1901. (manuscrito).

CONGRÉGATION DU SAINT-ESPRIT ET DU SAINT COEUR DE MARIE. **Information sur l’admission à la profession de M. Robert René.** Archives Générales à Chevilly de la Congregation du Saint-Esprit, Paris, França, 1898. (manuscrito).

CONTRERAS, L. N. **Manual de paleografía.** Madrid: Cátedra, 1994.

CORREIA, J. A. **Civilizando Angola e Congo: os missionários do Espírito Santo no padroado português.** Braga: Tip. Sousa Cruz, 1922.

DIAS, P. **Arte da lingua de Angola:** oferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãe, & Senhora dos mesmos pretos. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade Miguel Deslandes, 1697. Disponível em: <http://purl.pt/31521>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FIGUEIREDO, C. F. G. Aspectos histórico-culturais e sociolinguístico do Libolo: aproximações com o Brasil. *In*: OLIVEIRA, M. S. D.; ARAUJO, G. A. **O português na África Atlântica.** São Paulo: Humanitas, 2018. p. 47-97.

FIGUEIREDO, C. F. G. **Retratos do Libolo.** Lisboa: Chiado Editora, 2016.

FIGUEIREDO, C. F. G.; OLIVEIRA, M. S. D. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. **PAPIA**, v. 23, n. 2, p. 105-185, 2013.

FIGUEIREDO, C. F. G.; PETTER, M. M. T.; MONTE, V. M. **Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre René Robert.** Trabalho apresentado ao Encontro Anual da ACBPLE (Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola), Universidade de Cabo Verde, Praia, Cabo Verde, 2016.

FIORIN, J. L.; PETTER, M. M. T. (org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

FISHMAN, J. A. **Reversing language shift**. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 1991.

GUTHRIE, M. **The classification of the african languages**. London: Oxford Univ. Press, 1948.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/ Editora Objetiva, 2009.

LEWIS, M. P.; SIMONS, G. F. Assessing endangerment: Expanding Fishman's GIDS. **Revue Roumaine de Linguistique**, v. 55, n. 2, p. 103-120, 2010. Disponível em: <http://www.lingv.ro/RRL%20202010%20art01Lewis.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.

LEWIS, M. P.; SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. (ed.). **Ethnologue: Languages of the world**, 18th ed. Dallas, Texas: SIL International, 2021. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MACEDO SOARES, A. J. **Diccionario bazileiro da lingua portugueza: elucidario etymologico-critico**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1888.

MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. de A.; FACHIN, P. R. M. (org.). **Caminhando mato dentro: documentos do ouro do século XVIII**. São Paulo: Espaço Editorial, 2009. (Série Diachronica, n. 6)

MEINHOF, C. **Grundzüge einer vergleichenden Grammatik der Bantusprachen**. Berlin: Reimer, 1906.

MINGAS, A. A. **Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda**. Porto: Campo de Letras Ed., 2000.

MONTE, V. M. do. **Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)**. São Paulo: FAPESP/Humanitas, 2015.

PEDRO, J. D. **Étude grammaticale du kimbundu**. 1993. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade René Descartes, Paris, 1993.

- | Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert

RIBAS, A. Missão do Libolo (1893): Santo António. In: COSTA, C. F. A. **Cem anos dos missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)**. Nova Lisboa: Nova Lisboa Ed., 1970. p. 92-94.

ROBERT, R. **Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos pelos missionários da Missão Católica de Calulo**. Centro de Documentação da Província Portuguesa da Congregação Espírito Santo, Lisboa, caixa 191, capa 2, 1923. (manuscrito).

ROBERT, R. **A Missão Católica do Libolo**: do modo mais conveniente pelo qual os missionários devem propagar a religião cristã na terra dos negros. Centro de Documentação da Província Portuguesa da Congregação Espírito Santo, Lisboa, caixa 191, capa 1, 1920. (manuscrito).

ROBERT, R. **O povo do Libolo**. Centro de Documentação da Província Portuguesa da Congregação Espírito Santo, caixa 191, capa 1, 1912 (manuscrito).

ROBERT, R. **O Libollo**. Centro de Documentação da Província Portuguesa da Congregação Espírito Santo, caixa 192, capa 3, s.d. (manuscrito).

TORREND, J. **A comparative grammar of the South African Bantu language, comprising those of Zanzibar, Mozambique, the Zambesi, Kafirland, Benguela, Angola, the Congo, the Ogowe, the Cameroons, the lake region, etc.** Londres: St. Austin's Press, 2007. Disponível em: [https://archive.org/stream/comparativegramm00torruoft/comparativegramm00torruoft\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/comparativegramm00torruoft/comparativegramm00torruoft_djvu.txt). Acesso em 20 jul. 2021.

VIDAL, J. E. L. **Por terras d'Angola**. Coimbra: F. França Amado Ed., 1916.

---

COMO CITAR ESTE ARTIGO: FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; PETTER, Margarida Maria Taddoni; MONTE, Vanessa Martins do. Análise comentada do manuscrito “Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos”, do padre Renato Robert. **Revista do GEL**, v. 18, n. 3, p. 115-142, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 12/08/2021 | Aceito em: 16/11/2021.

---